

LEONARDO COIMBRA

# OBRAS COMPLETAS

V

(1922-1923)

TOMO II



COLECCÃO PENSAMENTO PORTUGUÊS

IMPRESA NACIONAL - CASA DA MOEDA

EDIÇÃO CRÍTICA  
DAS OBRAS COMPLETAS DE LEONARDO COIMBRA

Coordenação científica: ÂNGELO ALVES  
Organização, fixação do texto, notas e índices: AFONSO ROCHA  
Recolha dos dispersos: JOSÉ CARDOSO MARQUES

\*

CONSELHO CIENTÍFICO

ÂNGELO ALVES  
ANTÓNIO BRAZ TEIXEIRA  
ARNALDO DE PINHO  
MANUEL FERREIRA PATRÍCIO  
MANUEL BARBOSA DA COSTA FREITAS  
MANUEL CÂNDIDO PIMENTEL

UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA  
CENTRO REGIONAL DO PORTO  
IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA

LISBOA  
2009

*Título:* Obras Completas  
Vol. V — 1922-1923  
Tomo II

*Autor:* Leonardo Coimbra

*Edição:* Imprensa Nacional-Casa da Moeda

*Concepção gráfica:* UED/INCM

*Tiragem:* 1000 exemplares

*Data de impressão:* Novembro de 2009

*ISBN:* 978-972-27-1832-5

*Depósito legal:* 216 775/04

## ÍNDICE GERAL

OBRAS COMPLETAS  
DE  
LEONARDO COIMBRA

### A Razão Experimental (Lógica e Metafísica):

Prefácio .....	13
Introdução:	
A filosofia .....	19
A actividade científica .....	69
A certeza e a verdade .....	156
A dimensão espiritual .....	223
[Entrevista sobre as razões da não participação no Congresso do P. R. P.] .....	299
[Entrevista sobre o Congresso do Partido Republicano] .....	302
Pastorais .....	305
A existência de Deus .....	308
Sobre a saudade .....	318
Antes de tudo .....	343
«Contribuição das modernas teorias científicas para uma nova con- cepção espiritualista do Universo» .....	344
Cristo .....	359
[Carta de Leonardo Coimbra] .....	367
O reencontro... ..	369
[Carta a Artur Botelho] .....	372

### APÊNDICE

[Homenagem a Camilo, Arnaldo Gama e Júlio Dinis] .....	375
<i>Índice onomástico</i> .....	377
<i>Índice sistemático</i> .....	381

**OBRAS COMPLETAS**  
**DE**  
**LEONARDO COIMBRA**

# A RAZÃO EXPERIMENTAL

(LÓGICA E METAFÍSICA)

- 1.<sup>a</sup> edição: Renascença Portuguesa, Porto, 1923.
- 2.<sup>a</sup> edição: Lello & Irmão, Porto, 1983.
- 3.<sup>a</sup> edição: a actual.

## PREFÁCIO

A princípio deste ano lectivo corrente (1921-1922), fora convidado pelo Reitor da Universidade do Porto a fazer a oração de «Sapientia» na abertura solene da mesma Universidade. 9

Tendo de focar o problema do conhecimento humano, não pude deixar de fazer uma análise dos novos processos científicos nas várias ciências e muito especialmente nas matemáticas e ciências físico-químicas.

Pouco depois chegava-me de Madrid o honroso e instante convite de ir à Residência dos Estudantes, que eu já conhecia e estimava, fazer uma conferência em missão de intercâmbio intelectual.

Tomei para tema a contribuição das novas teorias científicas, especialmente, matemáticas e físicas, para uma nova concepção da vida e do Universo.

É claro que o problema abrangia pontos de vista muito diferentes, que tive de sintetizar nessa primeira conferência logo seguida de outra na Universidade Central de Madrid, pelo honroso convite do seu Reitor, D. José Carracido, em nome de seu ilustre claustro.

A esta conferência seguiu-se, por amável convite da sua direcção, uma nova conferência no Ateneu de Madrid.

A primeira conferência, na Residência dos Estudantes, que, como disse, fora uma síntese e resumo dos pontos de vista lógico, gnosiológico e // metafísico do meu problema, pôde assim desenvolver-se. 10

À primeira conferência, onde necessariamente predominava o problema gnosiológico, seguiu-se a da Universidade sobre a lógica das ciências e a do Ateneu sobre a poesia portuguesa contemporânea, que procurei ver no seu esforço metafísico à luz das minhas próprias doutrinas.



Assim as minhas conferências puderam formar um todo com unidade interior.

É a vida desse pensamento com a ordem mais conveniente para sua explanação e mais largo desenvolvimento que hoje tentamos dar neste livro.

Terá de diferente o repouso e a serenidade duma obra escrita à distância das almas que a hão-de receber; terá, a menos, o calor, a vida, o entusiasmo comunicativo que às suas ideias emprestou o carinho intelectual, a amizade espiritual, que foi a atmosfera do seu nascimento em Madrid.

E este prefácio, de explicação para os leitores, é mais, e para mim, o pretexto de sentir de novo a alegria dos grandes momentos que devo à perfeita comunicação espiritual da minha semana madrilena.

Já disse algures que viajar é compreender: o conhecimento do homem é a viagem do seu pensamento pelos caminhos do infinito.

Viajar num raio de luz, com um astrónomo, ainda é um dos mais comovedores processos de alargamento da alma e da vitoriosa aceitação da vida.

O conhecimento é o melhor esforço da adaptação e o espírito parece ser a luz que surge a inserir-se por entre os estremecimentos duma adaptação imperfeita.

A consciência só *espreita* pelos intervalos do automatismo da adaptação. //

11 A adaptação traz a banalidade, a banalidade arrasta de tal modo a inconsciência que sempre que quero visionar a matéria, ela me aparece como o mais antigo depósito da fundamental banalidade do Universo.

O que se repetiu, repete e há-de repetir, exclui a consciência; esta salta, como faísca, do encontro de situações novas, do próprio esforço de abraçar e compreender essas situações.

Para uma alma ávida, viajar e ler, são duas alegrias iguais: ler é viajar na profundidade e amplidão das almas; viajar é ler nos corações, que se nos aproximam, a mesma ansiedade que em nós levamos, é ver nos olhos dos homens as paisagens de que se alimentam, é encontrar numa mais opulenta diversidade uma maior e mais profunda unidade.

É abrir olhos de percepção espiritual para os tesouros das almas, quebrar aquela estranha cegueira de que nos fala James; é ver, por cima dos sagrados valores nacionais, as estrelas longínquas, de mais pura luz, dos grandes valores humanos, e apontar

como astro remoto um puro Sol espiritual, onde, como raios dispersos, para lá duma lente e convergindo no foco, se casem em amor as diversidades das almas.

Todos nós trazemos em nossos espíritos recordações de lendas, de terras distantes, paisagens de vida espiritual que mal sabemos se são recordações de sonho ou visões de realidades perdidas.

O homem é sempre mais rico de desejo e imaginação do que lhe pode dar a realidade quotidiana.

Alargar esta é dar lugar geométrico e metafísico aos sonhos da sua imaginação, e não é pequena alegria ver aumentar a sua compreensão espiritual pelo alargamento das suas relações humanas.

Por muito grande que seja um livro, o homem, que é um ser vivo, tem mais mistério, graça comunicativa, // ansiedade vital, que aumentem a alegria de viver de outro homem.

12

E depois, as terras que visitamos são sempre um alargamento e uma correcção ao que delas tínhamos imaginado.

E cada terra tem um cantinho do céu que todos sonhamos: a viveza duma água que traz às nossas veias a frescura da terra e nos avigora de repente os músculos e em nós fica a cantar a simples, a elementar alegria de viver; a luz duma avenida ao crepúsculo, a misteriosa promessa duns olhos carregados do sonho e do mistério, vindos das profundidades da história; o desconhecido que passa e leva consigo a bênção do nosso olhar de fraternidade...

Ser só homem no meio dos homens, despir as responsabilidades pomposas das nossas glórias de instantes!...

Ser depois o homem moral carregado de responsabilidades e dar a sua alma aos outros cheios da curiosidade banal da anedota jornalística, literária ou filosófica, das vaidades nacionalistas, e ir presentindo<sup>(α)</sup> que de novo, para lá destes episódios, somos só *homens*: asas de sonho, perguntas ansiosas, e valemos o mesmo pelo que rezamos de dor e ansiedade perante a Esfinge que é a Vida!

Sentir a fraternidade nesta via gloriosa, que é também o homem no sulco doloroso da Vida!

---

<sup>(α)</sup> A 1.<sup>a</sup> edição, com certeza por lapso tipográfico, usa a forma verbal «presentido».

E muitos corações distraídos ou simplesmente curiosos, que a um mais profundo estremecimento da nossa ansiedade se fundiram e são connosco na mesma divina emoção!

Madrid! Evoco-te à hora do crepúsculo, quando, cheio de saudades da minha pátria, descia a Castelhana e pelo meio da multidão anónima sentia em terra de estranhos o que há de fraterno e idêntico no coração de todos os homens! //

13 Tanto desconhecido carregando no pensamento sonhos de ambição ou de humildade, como na minha pátria, como no resto do mundo, e, para lá dos sonhos da superfície, a mesma *consciência* religiosa de se ser homem e querer amar e entender a vida e querer desvendar os arcanos do enigma, querer, ainda que na Morte, ao beijar a face impassível da Esfinge, sentir que um estremecimento de promessa ou ironia lhe encrespou, por fim, os misteriosos lábios!

## INTRODUÇÃO

## A FILOSOFIA

17

A FILOSOFIA COMO CRÍTICA — A FILOSOFIA COMO ÓRGÃO  
DA LIBERDADE — A FILOSOFIA COMO PROCESSO ORIGINAL  
DO CONHECIMENTO — A FILOSOFIA COMO CIÊNCIA  
DAS GENERALIDADES — A FILOSOFIA COMO TEORIA  
E PRÁTICA DA EXPERIÊNCIA

Não é mau que uma disciplina de aparência duvidosa como a filosofia, venha de vez em quando reflectir-se no espelho da crítica para julgar de seu aspecto e valor.

Os principais aspectos sob que nos aparece a filosofia não são de molde a modificar de pronto o seu duvidoso carácter de parasita, fóssil monstro de outras eras, inútil duplicação da boa realidade da ciência, pomposa síntese retórica de dados científicos independentes.

Não sabemos se a filosofia é perene ou mesmo eterna como Deus, ou sequer contemporânea do homem das cavernas.

Supomos, e até com demorada emoção, que o homem primitivo, quando à porta da caverna depois dum repasto frugal contemplava o luar de certas noites macias, devia sentir dentro de si o acordar dum sonho, que, ao longo da história, deixou, em sulco, os poemas, as religiões e as ansiedades metafísicas.

Sabemos que a necessidade de compreender o homem social, na sociedade humana e na sociedade // cósmica, de unir esta vida social humana com aquela vida social cósmica, de aproximar o auxílio do *socius* benemérito do auxílio do Sol da manhã a derrotar os terrores e sombras da noite, sabemos que tudo isto se ergueu diante da cogitação humana, sobretudo desde que as diferenciações individuais puderam trazer à luz a *monstruosa variedade dos contemplativos*.

De tal valia se mostrou essa variedade, fornecedora de luz para as trevas exteriores e interiores dos outros homens, que os

18

cuidados com o céu dos contemplativos excederam e muito a atenção, para a experiência, dos homens práticos, artífices das utilidades directas e instantes da vida económica.

A filosofia foi a sua obra, especialmente pela metafísica.

Se, com efeito, pensarmos nas mais antigas religiões, que nos ensina a história, vamos nelas encontrar uma ampla e volumosa riqueza metafísica, de tal modo que um requintado do século XIX, como Schopenhauer, é inteiramente contido de antemão nos livros sagrados da velha Índia.

E, como a metafísica de Schopenhauer é filha da gnosiologia kantista, natural era que a metafísica da Unidade nouménica e da pluralidade aparente e fenoménica da velha Índia implicasse uma crítica do conhecimento paralela.

E assim é.

Como Kant tem uma metodologia de solução das antinomias pelos limites das funções cognitivas, que, em Renouvier, degenera em dilemas do real, também a solução das antinomias estéticas e morais é o motivo interno da crítica e da metafísica hindus. E já aqui se vê um carácter bem notável do problema do conhecimento.

O homem pode *pensar e conhecer*.

19 Pensar requer apenas o acordo dentro duma // consciência pensante; conhecer requer o acordo actual ou actualizável de todos os pensamentos.

O conhecimento implica o *acordo* social, como também o requer a Justiça. Esta faz-se por leis que são as relações das vontades: o sistema dessas relações é a vontade social. Aquele, o conhecimento, faz-se ainda por leis, que são as relações dos pensamentos: o sistema dessas relações é a Razão.

A Razão é, pois, de ordem social.

Pode, no entanto, parecer pelo que dissemos que os pensamentos de cada consciência são apenas sujeitos à condição dum acordo interno, entre si e adentro dessa consciência.

Tal não acontece, porém.

A consciência não é um sistema isolado, é antes um sistema de universais relações, de modo que o simples pensamento sem conhecimento é mais uma abstracção que uma realidade, e cada pensamento para ser *comunicável*, sem o que não pode viver, tem de subordinar-se às leis do acordo social.

Claro está que, sendo a Razão um sistema de relações dos pensares, ela será dinâmica, pois o *acordo* social evolui por virtude das relações com o meio cósmico, da complicação do meio

social e do que haja de irredutível e *inventivo* no pensamento singular dos indivíduos da *variedade social dos inovadores ou gênios*.

A Razão eterna, prefixa, imóvel, seria a Razão de um absoluto *conformismo social*, como se afirmava em tempos ter sido a sociedade chinesa.

A função do acordo social é, pois, a matriz da Razão, e, se aquela evoluciona, esta terá de seguir-lhe os movimentos.

Ora a função de acordo encontrou, especialmente no mundo greco-latino, uma forma que a Renascença aumentou em credibilidade social e chegou até nós imponente e dominadora: é a Ciência. //

De modo que a Razão é essencialmente a Razão científica, e se há ainda uma Razão filosófica, ela será um estádio atrasado, menos evoluído, da mais velha *estática* função social do acordo.

Quero dizer que hoje a filosofia será uma tradução (uma minoração portanto) para as categorias da Razão estática das novas criações do valor dinâmico da Razão científica.

Assim é, com efeito.

A Filosofia vai fazendo hoje o papel secundário de correr atrás da ciência: lembrando o corredor de bicicleta que levasse à sua frente a marcar o caminho e vencer as resistências, um *entraîneur* em rápida e vencedora motocicleta.

Mas, como o corredor desenvolverá mais e melhor a sua musculatura, não terá também o vagar filosófico a vantagem de ser mais amplamente humano, guardando realidades humanas, e até cósmicas, que, para mais facilidade do acordo, a ciência pusera de parte?

É o que muitos pretendem e de maneiras diferentes.

Uns dirão, com o inovador (?)<sup>1</sup> Kant, que a filosofia é a crítica do próprio conhecimento, seja a crítica, a descoberta das próprias condições da existência da Ciência.

## A FILOSOFIA COMO CRÍTICA

Kant imaginou, sobre o modelo da experiência científica da sua época, uma experiência em geral, e partiu a procurar as con-

---

<sup>1</sup> Ponho a interrogação, porque estas considerações dependem do nosso humor. Pode-se sempre encontrar o ponto de vista de *Eclesiastes*.